



Horizontes Antropológicos

44 | 2015

Cultura e Aprendizagem

LI, Fabiana. *Unearthing conflict: corporate mining, activism, and expertise in Peru*. Durham: Duke University Press, 2015. 265 p.

Adriana Paola Paredes Peñafiel



Edição eletrônica

URL: <http://journals.openedition.org/horizontes/1075>

ISSN: 1806-9983

Editora

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Edição impressa

Data de publicação: 25 Outubro 2015

Paginação: 403-406

ISSN: 0104-7183

Referência eletrônica

Adriana Paola Paredes Peñafiel, « LI, Fabiana. *Unearthing conflict: corporate mining, activism, and expertise in Peru*. Durham: Duke University Press, 2015. 265 p. », *Horizontes Antropológicos* [Online], 44 | 2015, posto online no dia 02 novembro 2015, consultado o 06 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/horizontes/1075>

Li, Fabiana. *Unearthing conflict: corporate mining, activism, and expertise in Peru*. Durham: Duke University Press, 2015. 265 p.

*Adriana Paola Paredes Peñañiel**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil

Este livro é o produto da pesquisa de mestrado e doutorado da antropóloga Fabiana Li em dois lugares emblemáticos na questão de conflitos mineiros no Peru: La Oroya no centro andino e Cajamarca ao norte dos Andes peruanos. O primeiro é um complexo metalúrgico que funciona desde os inícios do século XX e que a partir de 1997 está sob o comando da empresa americana Doe Run. O segundo é a cidade de Cajamarca, onde está localizada a maior jazida de ouro da América do Sul, Yanacocha, operada pela empresa do mesmo nome. A análise da autora está focada em como a expansão da mineração com novas tecnologias, como o controle de emissões e programas de desenvolvimento comunitário da Doe Run, e a exploração a céu aberto por Yanacocha, *unearth* (desenterram) novos elementos, tais como água, aquíferos, montanhas sagradas, poluentes, canais de irrigação que rompem com a “ordem das coisas” no espaço político do Peru, onde a mineração é constantemente repetida em diversas fontes como sendo o destino do país.

No entanto, essas entidades não são preexistentes, apesar de haver precedentes dentro do panorama conhecido como “conflitos mineiros”. Para autora, a agressiva expansão da mineração no Peru a partir do governo de Alberto Fujimori em 1990 tem trazido *things* (coisas) que ativam complexas associações entre coletivos de regimes diferentes de relação. O esforço de Fabiana Li é de justamente analisar as operações intelectuais de cada grupo engajado, as quais resultam em resignações, negociações, contestações e até na reconfiguração de novas práticas que procuram dinamizar justamente a relação com a entidade em questão. Embora nesses conflitos apareça um *anti-mining front*, o ponto é que os participantes envolvidos nessas formas de organização não

* Doutoranda em Desenvolvimento Rural (bolsista Fapergs). Contato: adrianitaperu@hotmail.com.

necessariamente compartilham interesses comuns. Estas partes podem entrar em colaboração ao tornar visíveis essas relações, surpreendendo o Estado, a empresa de mineração e o seu *staff* de especialistas que tentam conduzir o debate pelo caminho da técnica procurando reduzir, dessa forma, o antagonismo entre o seu projeto e aqueles que são contrários a ele.

O que é importante nessa abordagem é que o que resulta dessas colaborações entre conhecimentos díspares não é premeditado. Li analisa como o *cerro* (montanha) Quilish emerge no conflito como *apu* (montanha sagrada) e como aquífero, que é resultado de colaborações entre os ambientalistas conectados com a Igreja Católica, a Teologia da Libertação e os camponeses. No entanto, também existem “colaborações” entre os funcionários das minas com os camponeses ao negociar práticas e conhecimentos radicalmente incompatíveis no sistema de compensações. Para isso, ela usa o termo “equivalências” como ferramenta analítica para dois processos inter-relacionados. Primeiro, a forma como a *expertise* e as ferramentas técnicas tendem a tornar as coisas quantitativas e comparáveis e, segundo, uma relação política que envolve uma constante negociação sobre o que é conhecimento com autoridade. No caso apresentado pela autora, as equivalências permitiram a empresa de mineração Yanacocha tornar as demandas dos que protestam em compensações monetárias e programas de desenvolvimento. Contudo, essas equivalências estão sempre abertas à contestação.

No capítulo primeiro, parte I, examina-se a história de La Oroya, mina que se tornou o motor do desenvolvimento no século XX, e a chegada da empresa Doe Run, em torno de 1997. No entanto, a partir do momento em que La Oroya aparece na lista das cidades mais contaminadas do mundo, ONGs, Igrejas e sociedade civil articularam uma série de campanhas contra a empresa que influenciaram significativamente a virada do curso do debate em torno dos conflitos mineiros no Peru a partir de 1990. Para a autora, esse caso é emblemático porque é quando a “poluição” emergiu como ponto de contenção no conflito, e quando diversas associações aos *humos* (fumaça) do complexo metalúrgico levam à reflexão diversos atores. A empresa Doe Run vai incorporando em seus protocolos os mecanismos de monitoramento da saúde da população e oferece às pessoas do local trabalho como assistentes no setor. No entanto, existem diferentes reflexões sobre os novos elementos (a poluição), o difícil passado de viver na altura andina visitado pelo grupo Sendero Luminoso, que variam entre uma resistência à Doe Run ou em trabalhar na

mina que os contamina. Estando entre resignação e resistência, as pessoas que optaram por aceitar trabalho na mina têm que desenhar novas formas de entender e lidar com o dia a dia e uma nova linguagem para justificar as suas decisões.

Na parte II, Fabiana Li descreve um dos conflitos mineiros mais importantes nos últimos anos: quando a empresa Yanacocha anuncia a expansão das suas operações no *cerro* Quilish, a poucos quilômetros da cidade de Cajamarca. Nesse conflito, que se iniciou em 2004, o Quilish surge como *apu* (montanha sagrada) e como aquífero, complexificando a ação da empresa, que pretendia enfrentar o conflito pelo lado da ciência ao se concentrar em como melhorar o projeto tecnicamente para que a mineração avançasse. Argumenta a autora que essas associações ao Quilish não vêm de tradições indígenas já existentes nem de um conjunto de termos ambientalistas assinalados a algo predeterminado. Antes do conflito, os camponeses de Cajamarca não se referiam ao Quilish como *apu*, não obstante, num dos marcantes diálogos que expõe Li, uma camponesa explica que o Quilish deveria dar o seu consentimento para ser explorado. De outro lado, é nos encontros com os ambientalistas, quando novos elementos começam a ser colocados e refletidos, que Quilish emerge como múltiplo. Embora alguns estudos explicassem que essas capturas entre distintas ontologias servem para empoderar uma das que estão em relação, Li dá importância igual às duas concepções ontológicas a respeito dos seres, pessoas e coisas para a emergência do Quilish.

Na parte III, Li examina o papel da *expertise* nos conflitos. Ela dá uma especial atenção ao Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e como essa ferramenta procura reduzir o conflito a simples termos por meio de técnicas. O objetivo da confecção do EIA é prever qualquer tipo de impacto de forma que este possa ser manejado e mitigado e de maneira que na sua enunciação pública se estabeleçam relações de colaboração entre Estado, ONGs e comunidades ao incorporar todas as observações. Embora essa aparente transparência possa ser um avanço no envolvimento da comunidade quanto aos problemas ambientais, a categorização dos impactos por níveis de intensidade e correspondente mitigação evita que outras preocupações por parte das comunidades, não previstas ou incluídas no estudo, sejam consideradas seriamente pela empresa ou pelo Estado.

O que Li deixa claro é que com a implementação dessas tecnologias, tanto para a extração do mineral como para as relações comunitárias (técnicas de

governo), aparecem novas entidades que são pontos de tensão importantes por estarem entre diferentes regimes de relação. Como é mostrado no caso de La Oroya, não é somente que a fumaça que existiu desde o início do século XX hoje emerge como “poluente” nos discursos, e se associa a doenças e à morte. Na etnografia, a fumaça é simbólica por também estar relacionada à oportunidade de trabalho, e a nova mina significa, para muitos, tempos de estabilidade política e preocupação da empresa em termos de programas sociais.

Certamente, esses dois conflitos são analisados a partir da emergência de novas entidades que confrontam o laudo da ciência, na qual o Estado se apoia para executar os megaprojetos que geram mais de 50% das divisas do Peru. No entanto, caberia perguntar à autora se esses protestos, como ações concretas, podem ser pensados como contestação à narrativa dominante de progresso na qual os cerros são fontes de ouro; além disso, se é possível repensar essas práticas como subversão da ordem das coisas em que novos conhecimentos sobre as montanhas estão aparecendo e novas relações se criando. Vale ressaltar, para finalizar, que Cajamarca é o lugar onde se encontraram Francisco Pizarro e o último imperador inca, Atahualpa, sendo este traído e assassinado pelo primeiro, e onde a centralidade de “se alimentar do milho” foi deslocada pela centralidade de “comer ouro”.